

Capítulo 1

Talvez seja possível amar uma mulher por causa de um livro, de um poema sublinhado, de um filme a preto e branco, de uma casa, do olhar de um homem quando fala dela, da forma como o seu cão a espera. Da reprodução de um Mondrian na parede da sala.

Byrne afastou-se da janela entreaberta e sentou-se na cama. Olhou em volta sentindo-se um pouco perdido. Era véspera de Natal e começara a nevar dois dias antes. A árvore em Trafalgar Square, as luzes nas ruas, um frio áspero que entrava pela casa; em cima da secretária a garrafa de whisky e o copo, dois livros de Iris Murdoch, *The Good Apprentice* e *Nuns and Soldiers*, um cinzeiro e a cigarreira castanha. O sótão tinha o tamanho da casa, o tecto era um pouco baixo mas entrava muita luz, duas janelas davam para o jardim, outras duas para a rua. Num dos extremos estava a cama, coberta pelo edredão azul, a mesa-de-cabeceira e um armário com um espelho, no outro uma secretária e uma estante, um velho sofá de cabedal preto onde gostava de deitar-se a ler, a fumar ou a olhar para o tecto, algumas reproduções de quadros que comprara na Tate. Uma porta de madeira comunicava com a casa de banho. Era um dos espaços mais agradáveis em que vivera, e vivera em muitos, se abrisse uma das janelas do lado da

rua tinha os sons e a animação de New Row, os cafés, os restaurantes, as discotecas, os vendedores de castanhas, se abrisse uma das outras tinha a visão de traseiras de edifícios e em baixo o jardim coberto de neve, as árvores, os arbustos e o pavilhão ao fundo. Ele gostava do silêncio da casa onde não vivia mais ninguém, embora por vezes tivesse a impressão de sentir uma presença, a impressão era tão forte que o fazia voltar-se para trás na penumbra dos corredores, levantar os olhos do jornal enquanto tomava o pequeno-almoço na mesa da cozinha. A cozinha era um dos compartimentos que usava no rés-do-chão, era ampla, acolhedora e tinha uma porta e uma janela que davam para o jardim; viam-se ramos secos no peitoril que talvez fossem lilases, se ainda estivesse ali na primavera seria bom sentir o cheiro das flores misturado com o frio a entrar pela janela aberta.

Levantava-se sempre cedo, mesmo quando bebia demasiado na noite anterior, era um velho hábito dos tempos de Oxford, saía ainda estremunhado para comprar os jornais e pão fresco, fazia café na cozinha, sentava-se à mesa coberta por uma toalha de quadrados vermelhos e brancos que o fazia lembrar-se de quadros de Bonnard, tomava o pequeno-almoço e folheava os jornais, depois dava um passeio até ao rio, procurava um banco quando não estava a chover, um café quando estava, e lia um bocado. Estava a reler todos os livros de Iris, por uma ordem muito pessoal. Começara com *The Time of the Angels*, que já relera entretanto, era um dos mais importantes, depois continuara com *An Accidental Man* e *The Philosopher's Pupil*, dois livros que estavam ligados um ao outro. Comia qualquer coisa num pub e regressava a casa antes das duas da tarde, escrevia um pouco sentado à mesa da cozinha, com a janela aberta, e depois deitava-se no sofá do sótão e continuava a ler, até por volta das sete. Então saía para jantar e tomar uns copos, encontrava-se com amigos, voltava muito tarde.

Byrne ia muitas vezes à National Gallery ver os quadros preferidos de Iris: *A Morte de Actéon*, *Bacchus e Ariadne*, *Noli me Tangere* de Ticiano; a *Alegoria com Vénus e Cupido* de Bronzino, *Hendrickje Banhando-se num Rio* de Rembrandt, *As Filhas do Pintor Perseguindo uma Borboleta* de Thomas Gainsborough, *O Baptismo de Cristo* de Piero na cave. E havia Andrea del Sarto, e Turner. No domingo de manhã ia à Tate para ver os esboços de Turner ou à Tate Modern para ver os Bonnard e os Mondrian; não sabia o que ela pensava de Mondrian. E, de vez em quando, ia em peregrinação visitar o retrato dela na Portrait Gallery, gostava de ver-se reflectido no vidro do quadro, Iris e Gabriel, ambos tinham nomes de mensageiros e olhos muito azuis, ambos procuravam qualquer coisa, tinha o pressentimento de que procuravam o mesmo, de que ela estivera muito próximo. E os deuses não a deixaram continuar. Mas se chegasse ao ponto onde ela chegara, e desse mais um passo... O pensamento fazia-o sorrir, o homem de cinquenta e dois anos não era assim tão diferente do rapaz de vinte que começara a estudar filosofia, ou o de vinte e cinco que deixara Londres à procura... ou o homem de quarenta e cinco que voltara à Inglaterra cansado, retomara a carreira universitária e agora tirara um ano sabático para escrever um livro sobre Iris Murdoch.

Desde o princípio resolvera escrever o livro em Londres, pensara em alugar um apartamento, depois Ed falara-lhe da casa. Era quase impossível encontrar um lugar para viver naquelas ruas, onde só havia comércio e restaurantes, perto da National Gallery, dos teatros, dos alfarrabistas. A casa pertencia a uma amiga de Ed, ele mesmo tratara de tudo. E Byrne instalara-se quase sem acreditar na sua sorte, a casa era perfeita e não tinha de dividi-la com ninguém, pelo menos ainda não aparecera ninguém, no primeiro andar os quartos estavam fechados, no rés-do-chão podia usar a cozinha e a sala, que dava para a rua. Era um compartimento um pouco escuro, o tapete tinha rosas pe-

queninas, esbatidas, as estantes estavam mal arrumadas, livros e pedras, algumas conchas, os sofás eram antigos e confortáveis, os cortinados de veludo cor de ameixa; a reprodução do Mondrian na parede, dois quadros, duas paisagens de neve com assinatura ilegível que lhe pareceram muito bons. Era na sala que encontrava mais vestígios da dona da casa. Ed dissera-lhe o nome dela, Ashley, Ashley Grey, e Byrne não fizera perguntas, imaginara uma mulher idosa, sem saber porquê, não era muito importante. Mas depois começara a interessar-se por ela, o Mondrian sozinho na parede da sala, aquela presença estranha na casa, como se a mulher estivesse morta e vagueasse por ali. E os livros: romances do século XIX, Dickens, James, as Brontë, álbuns de arte, pintores italianos e impressionistas, alguns volumes de poesia, Donne, Milton, os poemas de Rupert Brooke, um poema sublinhado, «the great lover». E junto ao aparelho de televisão havia uma estante com vídeos, documentários sobre pintores, alguns filmes antigos, um deles ficara abandonado no chão debaixo da mesa e vira-o uma tarde, um filme a preto e branco de Vincente Minnelli, com Katharine Hepburn e Robert Mitchum. Talvez seja possível amar um homem por causa de um livro, de um poema de Stevenson, «my house, they say», dos olhos de uma mulher quando fala dele, da forma como o seu cão o espera.

Ed esteve em Londres no final de Novembro e tomaram um copo num pub. Byrne disse que ainda não vira ninguém na casa e observou com interesse o sobressalto nos olhos azuis do amigo, aqueles olhos que tinham envelhecido muito nos últimos tempos.

Ashley desaparece de vez em quando e volta quando ninguém está à espera, disse Ed com voz neutra. Ela tinha um cão que morreu há alguns meses, agora está sozinha.

E mudou de assunto, mas Byrne percebeu que Ashley Grey era importante para ele, tão importante que lhe doía falar dela;

ficaram a beber até muito tarde e Ed passou a noite no sofá da sala, quando Byrne despertou na manhã seguinte ele tinha desaparecido, voltara para Oxford sem se despedir.

Um dia, ao folhear um dos romances da sala, a história de Emma e Mr. Knightley, encontrou uma fotografia, não muito recente, um homem e uma mulher louros, pelo menos na foto o cabelo parecia ter a mesma cor, numa praia, a água pelos joelhos, a roupa molhada e colada ao corpo; estavam estreitamente abraçados e beijavam-se na boca. A foto era má, talvez tirada com o automático, mas a forma como os dois corpos se agarravam era de um erotismo que perturbava. Não conseguia ver o rosto da mulher, mas se aquela era Ashley ele também queria conhecê-la. Vestia uns calções azuis e uma camisa branca, era esbelta e quase entrava pelo corpo do homem, bem constituído e um pouco mais alto do que ela. Voltou a pôr a fotografia dentro do livro, mas dias depois foi buscá-la e levou-a para o seu quarto. E começou a sonhar com a mulher, quase todas as noites, ela caminhava sozinha numa praia deserta e os pássaros levantavam voo à sua passagem, subia as escadas de uma torre, ele tomava-a nos braços e apertava-a contra si, passava os dedos pelo cabelo louro, e ambos tinham medo, a torre estava rodeada de monstros e ela corria perigo de vida; despertava um pouco assustado e cheio de desejo de uma mulher que não conhecia, que talvez nunca voltasse do lugar onde se encontrava, talvez já estivesse morta. Mas se voltasse... Estava na casa dela. Como a casa, como os livros, como os quadros, ele estava à sua espera.

Byrne passou a mão pela testa. Era véspera de Natal mas ele não celebrava o Natal. Já bebera muito, sobre a secretária estava a garrafa de whisky meio vazia, o cinzeiro, os dois livros de Iris. Se abrisse uma janela que dava para a rua, sentiria a animação do Natal, havia muitas pessoas lá fora, lâmpadas acesas, um pouco mais longe a árvore de Trafalgar Square. Mas dirigiu-se a uma das janelas do outro lado do quarto e observou o jardim co-